

Singularidade da técnica na clínica psicanalítica de crianças. Clínica com crianças: Lugar de circulação de pais, transferência e o brincar!¹

Rosistela Maria Cesarotto de Arruda², Passo Fundo

Vou iniciar contextualizando, sucintamente, os primórdios da psicanálise com crianças. Seu marco inicial foi com Freud, em 1909, em seus estudos sobre a sexualidade infantil, quando aceitou o desafio de analisar/supervisionar Hans, um menino de cinco anos que apresentava uma fobia a cavalos. A análise não se passou de um modo tradicional, uma vez que Freud teve apenas um encontro com o Pequeno; a análise transcorria através de cartas que Max Graft, pai de Hans, escrevia para Freud sobre o que o menino estava apresentando. Foi através dessa análise exportada, uma vez que não foi uma análise clássica, que Freud comprovou a existência da sexualidade infantil e a possibilidade do trabalho com crianças. A partir desse pressuposto freudiano, Anna Freud e Melanie Klein começaram a pensar a técnica da psicanálise infantil. Anna Freud adota uma postura mais pedagógica, não considerando que a criança fosse capaz de produzir transferência e não considerando o pulsional como relevante

1 Trabalho apresentado na II Jornada de Psicanálise com Crianças: “Singularidades da Técnica Psicanalítica na Clínica com Crianças”, em julho de 2024. Mesa 2: “Clínica com crianças: lugar de circulação de pais, transferências e o brincar”, organizado pelo Núcleo de Psicanálise com Crianças da Constructo Instituição Psicanalítica.

2 Psicanalista, membro associada da Constructo Instituição Psicanalítica e membro do Núcleo de Psicanálise com Crianças.

no trabalho analítico com as crianças, realizando, conseqüentemente, um trabalho mais educativo. Foi Melanie Klein quem ousou produzir uma teoria e uma técnica, nas quais concebe o inconsciente como existente desde as origens e a constituição psíquica, em seu conjunto, a partir de uma determinação endógena. Klein afirma a existência do inconsciente infantil e o correlativo da associação livre pela via do brincar na sessão analítica. Nessa ousada teoria, a autora incluiu as crianças na psicanálise, mas não considerava de relevância o trabalho com os pais, chamando-os apenas quando era necessário trabalhar as resistências. Tempos depois, surge a corrente estruturalista, com a escola francesa, através de Lacan, que inaugura a perspectiva de estabelecer uma relação entre o inconsciente da criança e o desejo parental, incluindo, dessa forma, o trabalho com os pais e destacando a importância da intersubjetividade na constituição do psiquismo. Posterior aos movimentos endogenista e estruturalista, Sílvia Bleichmar traz a concepção exógena do inconsciente e, com isso, a interferência do psiquismo dos pais na estruturação psíquica da criança, considerando como estes podem ser abordados como aliados no tratamento para promover o avanço psíquico do filho.

Partimos desse pressuposto teórico, segundo o qual o inconsciente não é existente desde os inícios da vida, mas sim fruto da cultura fundado no interior da relação sexualizante com o outro humano, como produto do recalçamento originário que ofertará um *topos* definitivo às representações inscritas nesses primeiros tempos de tal sexualização.

Sendo assim, cada analista, amparado pela metapsicologia, escolha e convicção para realizar seu ofício, tem, nesses fundamentos, um norte para escolher incluir ou não os pais no tratamento analítico de crianças. Se partirmos do aporte teórico segundo o qual a sexualidade é o alicerce fundamental do aparelho psíquico, o inconsciente e as demais instâncias anímicas são constituídos a partir da relação com o outro, nessa relação

sexualizante com o outro humano, e do recalçamento originário, não apenas incluiremos os pais no tratamento, como eles serão fundantes e determinantes nesse processo. E é desse referencial que parto e que hoje vou trabalhar com vocês.

Não podemos deixar de assinalar que a infância não é isenta de conflitos; tem suas especificidades, seus processamentos, dificuldades que podem ou não serem transitórias. Isso fere profundamente o narcisismo dos pais, pois desfaz a ilusão do filho perfeito e – por que não? – de pais perfeitos. A constituição psíquica do ser é muito trabalhosa e mobiliza com o mais profundo do ser dos próprios pais na revivência de sua história, às vezes nem mesmo conscientes para eles.

Frente a essa premissa, os pais nos procuram! Estamos diante de uma complexa questão: de quem é a demanda? Nos vemos confrontados sempre com essa questão quando se recebe uma criança para tratamento.

Sendo assim, Sílvia Bleichmar nos leva a pensar sobre o motivo da consulta, a razão da análise. Dessa forma, precisamos estar atentos e escutar com dois ouvidos: em primeiro lugar, o discurso parental, que busca no adulto as determinações simbólicas, os desejos e as fantasias que o capturam em certa trama, o que permite que o analista vá definindo a direção do diagnóstico e do processo eventual de cura e, em segundo lugar, a criança, seu mundo representacional, suas dores, falas que nos indicam a localização de indícios que justifiquem a estrutura da criança.

Cabe ressaltar que os pais, pela criança, estão revivendo a sua própria história e constituindo, apesar disso, um ser humano. Precisamos compreender a criança, como essas mensagens ingressam nesse incipiente psiquismo e quais metabolizações dessas mensagens a criança conseguiu fazer. Assim, temos o histórico vivencial, a história da criança sendo formada pela sua

singularidade, mas dentro do contexto familiar em que está inserida. Desse modo, o analista de crianças procura, nas entrelinhas, pelo discurso dos pais, os enigmas e os efeitos da subjetivação da criança. “Decifra, historiza a família e situa-a frente à rede fantasmagórica que se produziu”.

Em algumas situações os pais nos procuram para fazer um diagnóstico: é autismo? Transtorno Opositor do Desenvolvimento? Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade? Outros nos procuram em busca de algum conselho que lhes permita tratar determinada problemática, como uma espécie de “receita de bolo”; não por um sofrimento do filho, mas por um diagnóstico ou uma solução mágica, que são questões muito diferentes. Eis aí, nessas situações, um grande desafio ao analista: como transformar a busca de um diagnóstico em demanda de tratamento, em olhar o sofrimento e a subjetivação dessa criança? Os obstáculos devem servir para o avanço e não para o retrocesso, pois o obstáculo é inerente à clínica, considerando que o método é o acesso ao inconsciente. Enfrenta-se obstáculos e fracassos. Por conta disso, em algumas situações, o “não há demanda” pode ser uma maneira de se desresponsabilizar. Afinal, em muitas situações, se não há demanda, constrói-se, e não seria ético uma justificativa para não abrir espaço para essa construção. Portanto, transformar desespero em demanda é a função do analista. Não recebemos somente para escutar ou encaminhar os pais, mas sim para escutar e trabalhar como esse sujeito, o filho, está refletindo questões dos próprios pais, de sua história, de suas vivências e travando seu processo de subjetivação e/ou desenvolvimento psíquico. Vamos buscar o sofrimento e qual a melhor forma de ajudar; não é culpabilizar, mas encontrar o que desses pais está reverberando nesse sofrimento.

Remeto-me, novamente, ao primeiro caso de um atendimento de criança que temos em nossa bibliografia: o pequeno Hans. Hans foi o primeiro caso infantil na psicanálise e, evidentemente, foi uma análise exportada,

não clássica. Contudo, desejo abordar a relação de Freud com o pai de Hans e de Hans com Freud. Tudo iniciou com a confiança de Max, pai de Hans, em Freud, uma transferência, melhor dizendo, que fez com que ele se aproximasse, pedindo uma ajuda para o filho e, conseqüentemente, o filho, pela relação do pai com o professor, faz uma transferência pedindo ao pai que escrevesse literalmente tudo o que ele sentia. Bem, com isso, podemos dizer que a relação com os pais, o que a transferência inaugura, é o motor que impulsionará o processo analítico.

Seria possível iniciar uma análise de uma criança se os pais não depositarem confiança em nosso trabalho? Seria possível atender uma criança se os pais não inauguram a transferência? A realização de um tratamento quando os pais não se envolvem se torna impossível. Por outro lado, se há transferência, há resistência, e assim é o processo. Nas palavras de Laplanche, poderíamos falar de *teorética*: o lugar onde a teoria se faz clínica.

Mas como fazê-lo? E é aí que surgem as dúvidas e as interpelações. Recebemos os pais? A criança? Ambos? Quem vem primeiro? Quantas entrevistas são necessárias para uma avaliação?

É comum escutarmos: o difícil em tratamento com crianças são os pais. O que é verdade, ou meia verdade, porque o tratamento de crianças inclui os pais. Em primeiro lugar, somos todos sujeitos de inconsciente. Trabalhamos com o caráter múltiplo da transferência, a criança, o seu infantil, os seus pais, o seu infantilismo reativado pelo infantil da criança. E nós, analistas, também somos reativados pela condição humana. Isso é o que chamamos de transferência cruzada. Vejam, então, a complexidade e a exigência desse trabalho, no sentido de um psicanalista de crianças ser e necessitar ser muito mais trabalhado em sua própria análise pessoal por ser acionado triplamente. Dessa maneira, o processo põe em marcha a história desses pais enquanto filhos na sua relação com os seus próprios pais, os enigmas

gerados nessa relação e a conseqüente repercussão na relação com o filho. Sendo assim, temos a questão narcísica dos pais. É fácil trazer um filho para análise? Não. E por quê? Porque essa reativação do narcisismo perdido dos pais, dos ideais que foi trabalhosamente renunciada – na melhor das hipóteses, abandonada – é reativada, agora, na relação com o filho.

Freud, em *Introdução ao Narcisismo* (1914) levanta a questão do entrecruzamento dos psiquismos adulto e infantil, o fato de que, na fase do narcisismo vivenciada pelas crianças, é acionado, em seus pais, seu próprio narcisismo renunciado. É tal evocação do infantil dos pais que permite que estes criem espaços para que os filhos ocupem, em seu olhar, o lugar de “sua majestade, o bebê”, ou seja, aquele a quem lhe é permitido e projetado aqueles privilégios que os pais tiveram de abrir mão em seu crescimento diacrônico na cultura.

Sendo assim, os pais podem estar atravessados por fantasmas inconscientes diferentes, que interferem na relação com o filho, e o analista de crianças deve estar atento a essa particularidade em sua escuta analítica. Em alguns momentos, nas sessões com os pais, conforme aparece o histórico da criança contados por eles, podem surgir, também, indícios do que fez com que tal sintoma emergisse na criança. Assim, cabe ao analista buscar relacionar todos os dados, reais e pulsionais, que vêm da criança e de seus pais para, por fim, realizar o diagnóstico metapsicológico e elaborar uma compreensão do que originou tal sintoma.

Nesse sentido, Sílvia Bleichmar emprega uma analogia para ilustrar a importância de trabalhar com a criança e com seus pais: se uma picada produziu um vergão, não é matando o mosquito que cessará a coceira. Certamente, se não se detém o que segue machucando, novos efeitos se produzirão. Contudo, as condições de determinação de um fenômeno não se anulam *a posteriori*; é necessário trabalhar as conseqüências e as próprias

condições. Supor que se modifica um sintoma de uma criança trabalhando com os pais é tão absurdo quanto supor que se pode suturar uma ferida uma vez que o tecido tenha cicatrizado. Isso só é possível removendo a cicatriz e realizando um implante de tecido; o tempo não volta atrás porque as condições que geraram um fenômeno foram alteradas. O que foi inscrito psiquicamente não se desfaz somente porque os pais mudaram.

Sílvia Bleichmar amplia esse conceito afirmando que a realidade que constitui o inconsciente infantil e suas estruturas secundárias não é a realidade da família. É mais reduzida do que essa, uma vez que não são todas as relações familiares que se inscrevem no inconsciente da criança, mas é, ao mesmo tempo, mais ampla, pois podem ocorrer inscrições a partir de objetos substitutos metáforo-metonímicos com os objetos originários, tais como educadores, babás e outros familiares.

Vamos compreendendo um pouco mais a relevante questão do acompanhamento aos pais no tratamento de crianças – motivo, inclusive, de desistências de muitos analistas em atender crianças. E, de fato, é complexo. Mas vamos tentar pensar um pouco mais nessa questão e ver se eu consigo ajudá-los a transformar os pais de obstáculos em aliados.

Atender crianças é uma arte! Por que digo isso? Justamente porque precisamos ter nosso foco na criança, nosso paciente, que é um ser em formação. E se acreditamos na constituição exógena do psiquismo, acreditamos na força dos pais e na sua subjetivação nesse processo. Há sempre mais de um discurso atravessando a sessão, ou seja, a escuta é singular; mas, no caso de criança, essa singularidade se inscreve em um universal, em um histórico. A constituição subjetiva é um processo duplo: humanização e sexuação. Esse processo é feito pelos pais, ainda considerando que a criança é um processo em constituição, em formação, e não uma estrutura concluída. Vamos escutar a demanda a partir de como

ela virá a se configurar por meio do trabalho da transferência. As falhas nas funções maternas e paternas repercutem na estrutura psíquica da criança, pois o lugar dos pais é um lugar simbólico que transcende os pais reais. O discurso factual são representações culturais que têm valor importante como suportes identificatórios, ou seja, elas oferecem as condições para a constituição subjetiva. Dessa maneira, observem que trabalhar com pais, incluí-los no tratamento não serve apenas o propósito de trabalhar as resistências dos adultos para o prosseguimento da análise da criança. Vai muito além disso, e a profundidade desse trabalho de revivências que se encenam na cena analítica.

Pensamos que se torna imprescindível o trabalho com os pais porque, além de terem contribuído naquilo que falhou na estrutura psíquica de seus filhos, eles são peças fundamentais nas construções a serem feitas a partir do trabalho analítico. As dificuldades dos pais devem ser tratadas com respeito e acolhimento e não em uma postura julgadora que, além de não fazer parte do legado psicanalítico, somente inviabiliza qualquer construção de ajuda nesse processo. Ressalto que uma das piores coisas que podemos fazer com os pais é não entender que eles também são sujeitos de inconsciente, merecem respeito e delicadeza com relação aos seus aspectos infantis.

O objetivo do trabalho com os pais é favorecer suas associações para possibilitar o encontro de indícios da sua história singular e de atuações inconscientes na relação com o filho que pudessem estar interferindo nas manifestações sintomáticas e no seu processo de constituição e desenvolvimento psíquico. A proposta não é analisar os pais, mas possibilitar, pontualmente, a circulação de situações recalçadas para facilitar a entrada de novas representações em novas redes associativas, buscando a elaboração e uma nova relação com a criança que a ajude na resolução de suas manifestações sintomáticas.

Convém salientar que há limites para o analista de crianças, limites de sua escuta e de seu alcance interpretativo com os pais, uma vez que não existe uma cuba analítica formada ali para cada um deles que propicie a circulação de suas associações livres e transferências de forma mais plena ou um terreno para a eficaz interpretação. Acreditamos que são possíveis assinalamentos interpretativos referentes ao inconsciente dos pais que, por estarem em transferência com a analista de seu filho, não se dará de modo selvagem. Porém, o processo de acesso ao inconsciente dos pais é muito restrito em uma análise de crianças e pontualmente relacionado com as questões de sua relação com seu filho. Inclusive, frente a indícios maiores de enclaves inconscientes dos pais que estão interferindo na sintomática dos filhos, faz-se necessário que o analista da criança indique um processo de análise individual para os pais.

Para Laplanche, o espaço analítico que propicia e contém a circulação libidinal abre uma possibilidade de atualização dos elementos arcaicos, viabilizando a instalação da transferência do mesmo modo que se estabeleceu a tópica psíquica. Sendo assim, no espaço analítico, as mensagens enigmáticas põe-se novamente em circulação, possibilitando o trabalho do inconsciente.

Em alguns momentos, quando não se responde à demanda dos adultos, começam a surgir, no tratamento da criança, faltas e atrasos, aparece uma ameaça de boicote ao tratamento, interrompe-se o pagamento ou até mesmo a criança deixa de querer vir ao tratamento. A quem se interpreta? Será que a criança é quem deverá ser o suporte dessas intervenções, apesar de seu inconsciente não estar implicado diretamente, sendo o produtor dessas atuações? Entendo que não. É preciso intervir junto aos pais.

Passado o período das entrevistas iniciais, a avaliação propriamente dita, faremos a sua devolução e, sendo os pais concordantes, damos início ao tratamento. Nesse início de tratamento, faremos as combinações

do processo, que chamamos de contrato. Frente a essas manifestações, gostaria de mencionar as questões contratuais que também serão feitas com os pais. Esse aspecto é muito importante, tendo em vista que serão essas combinações que darão a sustentação necessária ao processo. Parece simples, mas é de grande complexidade, pois é no contrato que faremos todas as combinações – inclusive, do tipo: “vai ter momentos que ele não vai querer vir e eu conto com a força/convicção de vocês para trazer”.

Vejam que temos, nessa questão, o posicionamento e a ética do analista, e cabe ressaltar que este é um sujeito de inconsciente e deve ter passado pela transferência – ou seja, pelo processo analítico – para ser analista e vai trabalhar com a transferência que surgirá nesse singular processo, e não numa autorização de si mesmo, com o que “eu acho, o vale tudo”. O contrato é um acordo mútuo, de direitos e obrigações mútuas. Com isso, quero dizer que os pais se comprometem em trazer o filho, pagar as sessões e comparecer em seus horários e nós, analistas, em trabalhar esse sexual envolvido e nos havendo com toda a carga transferencial que nos destinam, com tratamento pessoal e supervisão.

A ética do analista na contratação da análise não é para ser bruta, intransigente, mas sim para criar as condições de analisabilidade, garantindo pôr em marcha o processo analítico.

Quero frisar aqui que o analista é um sujeito implicado no processo, por uma experiência que é sexual e nisso se introduz a relação de poder, da assimetria, da alteridade, encenada na cena analítica, inicialmente dos filhos e os pais, hoje com o ingresso do analista. A neutralidade, a abstinência, dessa forma, não é indiferença, ou uma relação somente técnica, ou apenas uma função. O analista é um ser envolvido no processo e gerador de transferência pela escuta analítica e benevolente. Estas abrem o enigma para a cena originária,

que não é a infantilização do paciente, mas uma experiência fundadora e produtora de neogênese.

O contrato com a criança é duplo, uma parte é realizada com os pais, todos os encargos, frequência, indicação do número de sessões e o compromisso de trazer a criança; e o outro é com a própria criança que é onde envolve a situação analítica. Não falo com a criança sobre o faltar, por exemplo, mas sim tudo o que tem relação com o método, o sigilo, a livre associação, as regras da análise; é o mesmo contrato operando de duas formas: com o adulto e com a criança. Este deve ser muito explícito, todas as combinações, tanto com os pais, como com a criança. A criança deve e pode saber que o tratamento é pago, como tantas outras coisas, como a escola, por exemplo, mas não serão feitas combinações com ela sobre isso e o que surgirá da criança, como porque cobra? É da fantasmática, da situação analítica, que é material de trabalho.

Para finalizar, gostaria de dividir com vocês uma passagem de Walter Hugo Mãe, em seu livro o filho de mil homens:

[...] o pescador pensou que o seu filho seria uma raridade das boas, porque ninguém percebia de matemática, só os gênios. O Crisóstomo, uns segundos antes de o dizer, pensou que aquele era o seu filho e pensou que o seu filho era um gênio. E assim o pensaria de qualquer maneira, uma vez que amar fazia dessas grandezas. Amar era feito para ser uma demasia e uma maravilha. E a natureza nunca seria burra. [...] Perguntou-lhe [...] se podia ser seu pai. Porque havia metade de si que apenas estaria completa quando tivesse um filho. E o rapaz pequeno olhou o homem grande e disse que sim, que além de ser bom em matemática sabia cozinhar [...] Era o modo como pensava que podia dividir com alguém as tarefas dos afetos, as obrigações de

respeito por quem partilha um cuidado mútuo e uma promessa de gostar. (pp. 28-29)

Vale aqui a máxima de Oscar Wilde, revisitado por Bernard Golse: em se tratando de pais, pior do que um conselho é um conselho bom. Mesmo que os pais carreguem pouca estrutura em seus espaços internos, todo e qualquer tom professoral de seus interlocutores põe em risco o narcisismo, elemento primordial no processo. Trabalhar com pais é lhes devolver a confiança perdida nos desvãos de suas histórias de filhos. Aliás, o que, no fundo, esperam desses filhos, que sejam o centro do mundo ou “sua majestade, o bebê”, a fim de satisfazer os sonhos e desejos que aqueles pais nunca puderam realizar, de acordo com a clássica expressão de Freud.

Referências

- BANGEL, M. “Psicanalista de crianças: um malabarista”, in MELLO, M. (Org.). *Psicanálise de crianças: escutas possíveis*. São Leopoldo: Carta Ed., 2008.
- BLEICHMAR, S. *A fundação do Inconsciente: destinos de pulsão, destinos de sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- BLEICHMAR, S. *Do motivo de consulta a razão de análise*. São Paulo: Zagodoni, 2015.
- BLEICHMAR, S. *La Construcción del Sujeto Ético*. Buenos Aires: Paidós, 2011.
- BLEICHMAR, S. *Psicanálise e neogênese*. São Paulo: Annablume, 2005.
- FREUD, S. “Introdução ao narcisismo”, in *Obras completas* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1914.
- LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LAPLANCHE, J. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano (2000-2006)*. (V. Dresch e M. Marques, trads.). Porto Alegre: Dublinense, 2015.

MÃE, V.H. O homem que era só metade, in *O filho de mil homens* (Cap. I, pp. 19-31). São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

ROSENBERG, A.M.S. “Constituição do sujeito e o lugar dos pais na análise de crianças”, in *O lugar dos pais na psicanálise de crianças*. São Paulo: Escuta, 1994.

Revisão gramatical de **Bruno dos Santos Konkewicz**

Revisão técnica de **Déborah Jasmine Dalcol**

Rosistela Maria Cesarotto de Arruda

Rua Paissandu, 1644/103

99010-102 – Passo Fundo – RS

rosistelacarruda@gmail.com

© Constructo Revista de Psicanálise